



O DESAFIO PASTORAL DA POLIGAMIA

RESUMO

1. INTRODUÇÃO

A família africana constrói-se sobre alianças: alianças entre grupos humanos, alianças com os antepassados, alianças com Deus. No coração desta família, a criança representa um tesouro inestimável, uma bênção divina. A criança perpetua o nome da linhagem e, ao mesmo tempo, ajuda a fortalecer a vida presente. Ter numerosos descendentes é uma dádiva de Deus.

É neste contexto que a instituição da poligamia deve ser compreendida. Refere-se a um sistema matrimonial em que um indivíduo está ligado, simultaneamente, a vários cônjuges. Para uma mulher com vários maridos, o termo é poliandria. Para um homem com várias mulheres, o termo é poliginia. Este é, certamente, o caso mais frequente. O termo “poligamia” tornou-se comum para descrever a prática de um homem viver com várias esposas, porque a poliandria praticamente desapareceu. Mas esta realidade não é exclusiva de África. Ela é universal. Por isso, desafia o cuidado pastoral de toda a Igreja. Contudo, a prática da poligamia é mais visível no continente africano, e é lá que os cristãos se sentem mais profundamente afetados.

2. A POLIGAMIA EM ÁFRICA, DE ONTEM ATÉ HOJE

As causas da poligamia são numerosas. Nas sociedades agrárias ou nômadas, a procura de uma família numerosa era impulsionada pelos imperativos de sobrevivência e expansão. O casamento tinha uma forte dimensão comunitária e religiosa: envolvia famílias alargadas e inscrevia a união numa ordem sagrada. O divórcio era excepcional. Estudos antropológicos, contudo, mostram que mesmo em sociedades polígamas, o ideal simbólico muitas vezes permanecia monogâmico: a primeira esposa detinha um estatuto único, enquanto as outras ocupavam uma posição secundária. O contacto subsequente com o Islão e o Cristianismo modificou estas estruturas, ora reforçando, ora transformando, as práticas matrimoniais.

3. OUVINDO A EXPERIÊNCIA BÍBLICA

Para orientar o discernimento pastoral, é necessário comparar esta realidade cultural com a compreensão bíblica do matrimónio. No Antigo Testamento, a poligamia é atestada e legalmente tolerada. Patriarcas como Abraão e Jacob, bem como figuras reais como David e Salomão, viveram em relações poligâmicas, frequentemente ligadas ao desejo de descendência ou à afirmação de poder. A lei mosaica regula estas situações sem, no entanto, as elevar a um ideal.

Contudo, um movimento teológico percorre as Escrituras. As narrativas da criação apresentam a união entre um homem e uma mulher como o paradigma original. Os profetas, desenvolvendo a teologia da Aliança, descrevem a relação entre Deus e o seu povo como uma de amor exclusivo.

A literatura sapiencial exalta a fidelidade à “esposa da juventude”, e o Livro de Tobias oferece testemunho de um ideal monogâmico plenamente aceite. Assim, emerge uma pedagogia divina: o que foi tolerado ao longo da história não é proposto como uma norma definitiva.

O Novo Testamento oferece uma perspectiva crucial. Referindo-se ao plano do Criador, Jesus recorda a unidade original do matrimônio: “os dois se tornarão uma só carne”. No espírito das antíteses de Mateus, Jesus reafirma o matrimônio monogâmico desejado pelo Criador: um homem e uma mulher (cf. *Mt* 19,4-5). O Apóstolo Paulo incorpora esta exigência na vida da Igreja, pedindo aos líderes que sejam “maridos de uma só mulher”. A revelação em Jesus Cristo demonstra, pois, que a unidade e a exclusividade conjugal pertencem à verdade profunda do matrimônio, segundo a vontade de Deus (cf. *1 Cor* 7,2; *1 Tm* 3,2.12).

4. CASAMENTO CRISTÃO: UM HOMEM E UMA MULHER

A forma do matrimônio está enraizada na teologia cristã do matrimônio, que, por sua vez, se inspira na Palavra de Deus. O texto do Gênesis recorda-nos que: “Deus criou o homem à sua imagem, à Sua imagem, Deus os criou; o homem e a mulher” (*Gn* 1,27). Esta mudança do singular para o plural demonstra bem a igual dignidade do homem e da mulher perante Deus. O segundo texto da criação, mais antigo (cf. *Gn* 2,21-23), é mais explícito neste ponto. A mulher é tirada ao homem. O próprio homem reconhece a mulher como sua companheira da mesma natureza: “Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne; ela será chamada mulher, Issa, porque do homem foi tirada” (*Gn* 2,23). Não será este um dos excertos onde se afirma o vínculo único do casal: o vínculo entre um homem e uma mulher? É, aliás, nestas passagens do livro do Gênesis que Jesus se baseia para afirmar o valor único do casamento monogâmico.

Na Bíblia, o casal humano tem o propósito de transmitir a vida, incluindo a própria vida de Deus, dando continuidade à Sua obra. Contudo, uma das causas da poligamia é a infertilidade feminina. Embora a questão da maternidade seja crucial, o termo “mãe” não se refere apenas àquela que deu à luz. Num sentido bíblico, o termo “mãe” é, portanto, mais abrangente do que a maternidade biológica e abrange outras formas de dar e promover a vida. Isto é fundamental para toda a mulher.

A partir de agora, o olhar do crente já não se fixa obstinadamente na fertilidade biológica. As obras produzidas pela virtude tornam o indivíduo ainda mais imortal do que a descendência. A esterilidade é gradualmente acolhida e transfigurada. Assim, proclama-se uma fertilidade espiritual, testemunho da gratuidade da salvação de Deus e da imensidão do Seu amor. Assim sendo, a poligamia não se apresenta como paliativo para uma situação de esterilidade biológica.

5. EXPERIÊNCIAS PASTORAIS

A abordagem pastoral implementada pelos missionários centrava-se sobretudo no combate à poligamia. O casamento monogâmico era, portanto, um requisito para ser ou tornar-se cristão. Para os missionários, a poligamia era uma forma de escravização da mulher e, como tal, profundamente imoral. Para os Padres do SCEAM, não podia haver qualquer ambiguidade: não havia absolutamente espaço para compromissos com a doutrina oficial da Igreja: “a abordagem pastoral

aos polígamos [...] deve evitar tudo o que possa parecer um reconhecimento da poligamia [...] pela Igreja”.¹ Os Padres do SCEAM incentivam a promoção da dimensão monogâmica do matrimónio, acolhendo os ensinamentos das Escrituras sobre a singularidade e indissolubilidade do matrimónio.

No contexto africano contemporâneo, têm sido adotadas diversas práticas pastorais para lidar com situações de poligamia. Algumas exigem que o homem polígamo que deseja receber os sacramentos escolha apenas uma esposa, garantindo justiça e sustento para as restantes esposas e para os seus filhos. Outras estabelecem um “catecumenado permanente”, acolhendo o indivíduo na comunidade sem acesso aos sacramentos. Por vezes, a primeira esposa é batizada quando considerada vítima de uma união polígama involuntária. Por fim, a “poligamia velada” — uniões múltiplas não oficiais — exige um apoio específico, frequentemente dirigido à mulher e aos filhos.

6. AVALIAÇÃO TEOLÓGICA DAS PRÁTICAS

O batismo, pelo qual o ser humano se torna pessoa na Igreja — isto é, sujeito de direitos e obrigações (CIC/83, cân. 96) — é o sacramento da fé que nos transforma à imagem de Cristo. Em nome da fé na unidade do matrimónio sacramental, que está intimamente ligado ao sacramento do batismo, e sabendo que este é um sacramento de carácter, seria preferível não o apresentar aos catecúmenos polígamos que o solicitam. Fazê-lo criaria mais problemas do que soluções, sobretudo tendo em conta os direitos que decorrem do batismo, em particular o direito a receber os outros sacramentos.

Por isso, recomenda-se que os polígamos que desejam identificar-se com Cristo através da graça batismal estejam completamente preparados, libertem-se de certas restrições culturais, aceitem a mensagem do Evangelho, adiram ao ideal cristão e se comprometam com o matrimónio monogâmico antes de receberem o batismo. Assim, a Igreja não batizará um polígamo com base numa promessa ou em alguém que continuará a ser polígamo mesmo depois de receber este sacramento. Em última análise, não há necessidade de antecipar o sacramento do batismo para os polígamos, mas sim de acompanhamento dentro de uma abordagem pastoral inculturativa, que abra caminhos para uma abordagem pastoral da poligamia.

7. UMA RESPOSTA PASTORAL À POLIGAMIA

Deve-se privilegiar uma preparação paciente e exigente, orientada para um compromisso concreto com o matrimónio monogâmico antes do batismo. Não se trata de rejeição ou estigmatização, mas de acompanhar os indivíduos rumo a uma conversão genuína e à plena integração sacramental.

Este cuidado pastoral deve ser caracterizado pela proximidade, pela escuta, pelo acolhimento das pessoas e pelo respeito pelas suas trajetórias individuais. Este cuidado pastoral de proximidade deve também visar a preservação da dignidade da mulher. Tal como Maria, a mãe de Jesus, está na vanguarda de uma abordagem pastoral inculturada ao matrimónio e à família. A proclamação da verdade do Evangelho não pode ser separada da misericórdia. A Igreja é chamada a apoiar esta aspiração, a reforçar a preparação para o matrimónio e a alargar a compreensão da fertilidade para além da sua dimensão puramente biológica.

¹ SCEAM, *Recomendações sobre o casamento e a vida familiar dos cristãos em África*, «Catholic Documentation» (1981), 1021.

Por fim, a questão é também ética, antropológica e eclesiológica. Se a união matrimonial representa “a doação de si ao outro”, podemos perguntar como pode um homem ou uma mulher viver esta “doação de si” entregando-se a vários cônjuges ao mesmo tempo. Da mesma forma, desde o princípio, o Criador fê-los homem e mulher. E Ele disse: “Por isso, o homem deixará pai e mãe e unir-se-á à sua mulher, e os dois serão uma só carne”. Assim, “já não são dois, mas uma só carne”. Como pode um homem ou uma mulher numa relação poligâmica “tornar-se uma só carne” com vários cônjuges? A teologia cristã do matrimônio afirma que a sua unidade e indissolubilidade provêm do desígnio criativo de Deus. A promoção da monogamia contribui, assim, para o reconhecimento efetivo da dignidade e da igualdade entre homens e mulheres. A questão da poligamia não diz apenas respeito à estrutura familiar; refere a verdade da Aliança e a vocação do amor conjugal como sinal visível da unidade fiel de Cristo e da sua Igreja.

8. CONCLUSÃO:

O trabalho pastoral da Igreja em África, acompanhando casais polígamos que procuram a aceitação na Igreja, surge como uma tentativa de se manter fiel à compreensão da Igreja sobre o matrimônio e a família cristã. A necessidade de acolher e acompanhar os indivíduos e as famílias torna-se cada vez mais evidente, para que possam responder com maior clareza ao apelo da verdade revelada do Evangelho no que respeita à vocação e à missão da família na Igreja e na sociedade.

Esta abordagem pastoral de proximidade e atenção fomentará um diálogo respeitoso e fraterno entre estes casais polígamos e o pastor (padre, bispo), representante de Cristo misericordioso que procura a “ovelha perdida” e aceita sentar-se à mesma mesa que os cobradores de impostos e os pecadores. Abrirá, assim, as portas da Igreja aos filhos de Deus que definham nas periferias espirituais ou “existenciais”. O objetivo é ajudar estas pessoas a descobrir o amor infinito de Deus manifestado em Cristo Jesus, que “não veio para julgar os homens, mas para os salvar por meio d’Ele”.